

Professor da Universidade de NY defende maior estímulo à leitura

Para docente, na década de 20 havia nos Estados Unidos mais teatros e jornais

MILTON BRIDI

Especial para o Estado

CAMPINAS — O papel da mídia na educação é o principal tema que está sendo debatido no 11º Congresso de Leitura do Brasil (Cole), que termina amanhã na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O professor da Universidade de Nova York George Stoney, de 81 anos, especialista em vídeo comunitário, disse que considera "uma perda lamentável" o fato de que cada vez mais a população deixa de ler jornais e ir ao teatro.

Stoney demonstrou muita preocupação com relação à falta de estímulo e, principalmente, com a qualidade dos jornais impressos nos Estados Unidos. "Eles não desapareceram, mas a leitura diminuiu", constatou o professor, que ensina na universidade como se produz filmes populares para televisão e leciona a matéria História do Cinema.

"Nos últimos anos houve uma recuperação, mas ainda não é a ideal",

garantiu o professor. Segundo ele, no final da década de 20 havia nos Estados Unidos mais teatros e jornais de melhor qualidade do que agora. Stoney trabalha em Manhattan, onde as TVs a cabo são obrigadas a abrir espaços na programação para a inserção de vídeos comunitários.

O especialista afirmou que toda a produção é financiada pelas emissoras. "A legislação exige que a empresa repasse US\$ 3 anuais de cada um dos 600 mil assinantes de Manhattan para produção desses vídeos." Stoney é um dos convidados estrangeiros

do congresso, que começou anteontem, com a presença de 2.300 participantes e com 460 trabalhos inscritos.

O tema Mídia, Leitura e Educação, será abordado outra vez hoje, no penúltimo dia do congresso. A coordenadora do projeto Estadão na Escola, Rachel Trajber, falará sobre Alfabetização, Internet e Democracia. "Vamos fazer uma comparação de como funciona a leitura nas

escolas, na imprensa e na mídia eletrônica."

Lançamentos — O filósofo francês Jean Foucambert, do Instituto Nacional de Pesquisa Pedagógica da França, disse que as escolas perdem muito tempo em coisas desnecessárias. "Na alfabetização aprendem-se muitas coisas desnecessárias e nesse contexto não há um país à frente do outro."

Adepto das teorias do educador Paulo Freire, o filósofo elogiou o método do brasileiro. "O que Freire propõe está à frente do que se aplica na Europa."

F RANCÊS CRITICA PERDA DE TEMPO EM ESCOLA

A educação indígena também foi debatida no evento. O índio Estevinho Floriano Tiago, da aldeia Água Branca, em Mato Grosso do Sul, aproveitou o encontro para pedir apoio ao seu projeto de legalizar a escola indígena no País. Em Aquidauana há sete aldeias, um total de 35 professores índios e 1.500 alunos. "As aulas são ministradas em português e na língua terena, de origem aruaque", contou.